

AUGUSTO SOBRAL

TEATRO

Prefácio de SEBASTIANA FADDA

BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



821,134.3
SOB,A

AUGUSTO SOBRAL TEATRO

Prefácio de SEBASTIANA FADDA

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

QUEM MATOU ALFREDO MANN?

Estreada pelo TEAR em Viana do Castelo, em Junho de 1982, tendo prosseguido no Porto, no Auditório Carlos Alberto, em 1 de Outubro do mesmo ano, com encenação de Castro Guedes e a seguinte distribuição:

Alfredo Mann — JORGE MOTA.

Elisa — ISABEL ALVES.

Ele — MÁRIO TIMÓTEO.

Ela — FÁTIMA CASTRO.

Um Polícia da estrada — CARLOS COSTA.

Um Polícia à paisana — CARLOS COSTA.

QUEM MATOU ALFREDO MANN?

Peça em dois actos

PERSONAGENS:

ALFREDO MANN, *presidente da O. M. P. S. I. C. A.*

ELISA, *sua mulher*

ELE, *um pescador de domingo*

ELA, *a mulher do pescador de domingo*

UM POLÍCIA DA ESTRADA

UM POLÍCIA À PAISANA

I ACTO

Algures, num ponto alto onde é suposto ver-se o mar, um casal em passeio. Embora à vontade, estão vestidos com excessivo rigor para um passeio de ar livre. Um traje de rua, de bastante bom gosto, que, embora corrente numa rua de grande cidade, resulta insólito em terreno de terra e de pedregulhos, acentuando nos personagens uma certa sofisticação.

São Elisa e Alfredo Mann.

Elisa pára olhando para longe, ficando imóvel em contemplação.

Ele, sem chegar a evidenciar nervosismo, observa o local minuciosamente, deslocando-se de um lado para o outro e lança olhares atentos para a área em redor.

Ruído de fundo longínquo de bater de ondas, gritos de gai-votas e vento, visível pelo ondular das roupas.

ELISA (*apontando*) — Olha um barco.

ALFREDO (*aproximando-se e olhando na direcção que ela indica*) — Onde?

ELISA — Ali, não vês?...

ALFREDO — Estou a ver... lá muito ao longe.

ELISA — Não é esse que eu estou a dizer... esse não é um barco, é um navio.

ALFREDO — Deve ser um petroleiro...

ELISA — Eu estava a dizer, o barco... este que está aqui mais perto.

ALFREDO — Esse é um barco de pesca...

ELISA — E anda outro ali... devem estar a pescar, andam imensas gaivotas à volta. As gaivotas andam à volta dos barcos quando os barcos estão a pescar. (*Pausa.*) A vida continua a ser maravilhosa apesar de tudo.

ALFREDO — E por quanto tempo mais?

ELISA — O quê?

ALFREDO (*mais alto*) — Por quanto tempo mais é que a vida continuará a ser maravilhosa, apesar de tudo?!...

ELISA — A mim, continua a dar-me imensa alegria ver estas coisas. Continuam a ter o mesmo encanto de quando eu era criança. Barcos de pesca, gaivotas, mar... e de campo também gosto imenso, as árvores...

Alfredo, colocado por trás dela, tira do bolso uma larga fita preta enrolada, desenrola-a parcialmente e experimenta-lhe a resistência aplicando-lhe esticões ligeiros.

ALFREDO — A verdade é que, pelo facto de vivermos cada vez mais distantes da natureza, temos tendência a sobrevalorizar todos os aspectos da vida que lhe estão mais directamente ligados.

ELISA — A verdade é que todos aqueles que vivem mais perto da natureza são mais felizes.

ALFREDO — A verdade é que todos aqueles que não conseguem acertar o passo com a etapa tecnológica que estamos a viver estão condenados à extinção.

Elisa permanece de costas para ele. Alfredo desenrola a tira preta para a esticar bem, voltando a enrolá-la e a metê-la no bolso.

ELISA — A verdade é que espero bem que estejas a falar por imagens... (*Em súbita transição, Elisa volta-se de frente para ele.*) Mas seja como for, mesmo que eu esteja condenada a morrer, gostava mais de morrer num dia como este, e num sítio assim, isolado, onde não se visse ninguém...

Elisa volta-se de novo a contemplar a paisagem. Alfredo para acender um cigarro leva a mão ao bolso procurando o isqueiro. Tira o isqueiro do bolso mas faz escapar de novo a fita preta que se desenrola completamente. Alfredo acende o cigarro e recomeça a enrolar a fita preta. Elisa volta-se de novo para ele.

ELISA — O que é isso?

ALFREDO — É uma tira de pano.

ELISA — Que é uma tira de pano vejo eu. Mas para que andas tu com uma tira de pano preta na algibeira?

ALFREDO — Para nada. Ando com uma tira de pano preta na algibeira.

ELISA — Tens cada uma... E não queres tu que eu diga que estás a caminho de um esgotamento... O teu único problema é não descansares nunca, é essa tua agitação, podes ter a certeza.

ALFREDO — Vou descansar, vais ver... Vamos descansar. Livres de tudo, finalmente, sem uma única preocupação. É para isso mesmo que estamos aqui... (*Alfredo passeia agitadamente de um lado para o outro. De súbito interrompe-se e estende a Elisa um jornal dobrado.*) Lê o jornal...

Elisa recebe o jornal das mãos de Alfredo mas não o desdobra. Alfredo retoma o seu passeio de cá para lá.

ELISA (*com o jornal por desdobrar na mão*) — Não julgues que um passeio de fim de semana é o suficiente para o estado de cansaço a que te deixaste chegar... Às vezes julgo que perdeste completamente a noção da realidade.

ALFREDO — Eu é que perdi a noção da realidade. Que eu saiba a realidade é tudo aquilo que dominamos... as coisas que não

dominamos não são reais, pelo menos para nós, se as não dominamos. Serão coisas reais para quem as dominar...

ELISA — O que para aí vai! Tens coisas tão infantis. Não podias ter inventado nada mais transcendente para desviar a conversa... Por muito que te custe ouvir, para mim vens de carrinho com essas teorias da realidade... o que tu precisas é de descansar.

ALFREDO (*alheio a Elisa e na sequência da sua fala anterior*) — E eu domino a realidade.

ELISA — Claro que dominas a realidade... eu também... a maior prova disso é que chegámos aos 60 anos e estamos os dois aqui vivos e aparentemente de boa saúde. Mas não continues a abusar, de um momento para o outro, pimba!

ALFREDO — Também te pode acontecer a ti, pimba!

ELISA — Não estou a desejar que isso te aconteça. Mas é completamente absurdo. (*Aproxima-se dele e segura-o pelos antebraços fitando-o nos olhos.*) Lembras-te mesmo de quem és? És Alfredo Mann.

ALFREDO (*olhando em redor*) — Que coisa tão estúpida... Estarei cansado... mas amnésico creio que não estou... E não é preciso gritar dessa maneira. Sei perfeitamente quem sou.

ELISA — Mas é por isso mesmo que é absurdo... És Alfredo Mann, presidente da O. M. P. S. I. C. A.

ALFREDO (*inquieta*) — Não é preciso gritar dessa maneira.

ELISA (*quase silabando*) — O. M. P. S. I. C. A., Organização Mundial de Pesquisa da Sobrevivência Individual em Condições Anormais. Francamente! Foste capaz de criar as condições de ambiente dentro de uma caixa para levar um rato até ao espaço e fazê-lo voltar vivo. Depois um gato, depois um cão, finalmente um homem... Conseguiste criar as condições de sobrevivência, em completo isolamento para um homem, primeiro, por seis meses, depois seis anos e depois por tempo indeterminado... Diz-me lá se não é completamente absurdo não saberes tratar da tua própria sobrevivência.

Alfredo tira das mãos de Elisa o jornal que ela não chegara a desdobrar e volta a entregar-lho.